

RAMIRO GUERREIRO
16.09.2023 | 04.11.2023

GRIDS AND FILTERS

Porto – Lisboa, agosto de 2023

Partilho com o Ramiro uma breve passagem por Berlim onde cheguei, dois anos antes, acabando a nossa permanência por descoincidir por pouco. Levava comigo uma proposta que se fundamentava na *Poética do Espaço* de Gaston Bachelard, nos místicos do êxtase e num programa de estudo sobre decoração arquitetónica. A minha intenção era reunir todos estes elementos num plano de fuga à claustrofobia que sentia no meu lugar nativo, contudo, sem sucesso. Quando, mais recentemente, conversamos sobre Berlim, discordamos da qualidade das experiências que tivemos, certamente porque frequentamos espaços distintos, porque no nosso quotidiano fizemos circuitos divergentes entre as cambiantes abruptas daquela cidade, que muda radicalmente da noite para o dia, e porque fomos acolhidos por novas comunidades.

Antes de sermos apresentados e de nos tornarmos amigos, disseram-me que o Ramiro tinha estudado arquitetura na "Escola do Porto". Já tinha visto em catálogos imagens da sua ocupação corporal de lugares, que datam dessa altura, e que para a maioria de nós seriam negligenciáveis. E desde que o acompanho há já tantos anos, a ele e ao seu trabalho, acredito que ele continua a estudar, com uma dedicação exemplar de artista-arquiteto, apoiando-se em minuciosas metodologias, para converter a teoria em prática.

Na verdade, penso que o Ramiro "delira" arquitetura. Delirar arquitetura e habitar esse delírio, enfrentando--o, é – no sentido que aqui lhe dou – invocar livre e compulsivamente referências historicamente díspares, reordená-las e dar-lhes novos significados. É nisto onde situo o meu pensar sobre o trabalho do Ramiro. Ele abrange simultaneamente tanto a História do edificado – as estruturas erguidas sobre o solo, na vertical, na sua vertente utilitária, habitacional – como também a da "pele" –, denominação dada, claro está, quer à nossa

derme, quer aos revestimentos externos dos edifícios –, decorativa e padronizada. E se começo por Berlim é porque é lá que a arquitetura demonstra tão bem ser "poder", sendo esta, aliás, uma das melhores cidades europeias para se testemunhar a sucessão e a sobreposição de poderes ideológicos e a afirmação arquitetônica dos mesmos sobre os quais o artista pôde exercer o seu devaneio – porventura como exercício de libertação – e porque é lá, nessa experiência comum, onde nunca nos cruzámos, que encontro uma orientação afetiva para começar este breve diálogo sobre o trabalho atualmente em exposição.

Isabel Carvalho (IC): O teu trabalho passa por materializar, em diferentes suportes, referências da arquitetura, cruzá-las e propor releituras através da tua reinterpretação plástica. Que referências podemos encontrar nesta exposição *Grids & Filters*?

Ramiro Guerreiro (RG): Para esta mostra, concentro-me sobretudo em certos elementos plásticos da composição das fachadas de edifícios associados ao chamado *Estilo Internacional*. São exemplos escolhidos numa determinada zona de Lisboa, que prezo por diversas razões, e que já abordei de outras formas no passado. Por exemplo, logo num dos primeiros trabalhos que apresentei publicamente, *Entalados* (2005), já tinha várias fotografias tiradas na Av. dos Estados Unidos da América, a que agora voltei; mais tarde, em 2009, fiz uma exposição intitulada *Verdes Anos* em que regressei a essa zona da cidade, desta vez para me focar nouro tipo de elementos – esculturas integradas na arquitetura dos anos 1940/50 que não pertencem ao vocabulário do *Estilo Internacional*, mas que estão mais próximas de uma estética associada ao Estado Novo, que ficou conhecida como *Português Suave*.

3

Aqui, a partir de registos fotográficos e de desenhos, proponho composições com outros elementos plásticos, entre os quais materiais que eram usados para os desenhos de projeto, num tempo pré-digital.

IC: Também em Lisboa se sobrepõem ideologias patententes no edificado...

RG: Sem dúvida. Esta zona da cidade – Alvalade, em termos gerais – sempre me interessou precisamente por causa disso: o regime decidiu ampliar a capital do seu império (não esqueçamos que estamos a falar do Estado Novo) na maior operação urbanística feita até à data. Procura-se continuar a cidade, de um modo *moderno*, ligando o existente ao novo aeroporto, mas interessa manter uma certa estética de regime. A grande maioria do edificado não é público – é sobretudo habitação coletiva, ou “prédios de rendimento”, delegados a investidores privados – e isso permite uma certa liberdade de desenho em comparação com as obras públicas, em que há, necessariamente, uma “representação de Estado”.

O eixo da Av. de Roma que nasce na Pç. de Londres e termina no Hospital Júlio de Matos é exemplar dessa sobreposição, porque temos uma série de edifícios já modernos (habitação coletiva, escolas, etc.), que correspondem a um *Estilo Português*, mas, nas suas *traseiras*, também se constrói em *Estilo Internacional* (por exemplo, o Bairro das Estacas, desenhado pelo Ruy d'Athouguia, com menos visibilidade desde esse eixo principal). Mais a norte, há o cruzamento com a Av. dos E.U.A. que é marcadamente moderno, com as quatro torres desenhadas por Filipe Nobre de Figueiredo e José Segurado. A Av. dos E.U.A. é, igualmente, toda ela desenhada em linguagem moderna, ao contrário da Av. de Roma.

O filme *Verdes Anos* (1963), de Paulo Rocha, mostra de modo exemplar esta zona da cidade, acabada de ser construída, em oposição à colina de Chelas ainda rural e suburbana. Talvez também por isso se tenha tornado um dos meus filmes portugueses preferidos.

4

IC: Creio que a revisitação que fazes da arquitetura não se passa somente numa dimensão abstrata, mas vem de uma realidade vivida pelo teu corpo e pela tua interação física, o que me recorda alguns dos teus primeiros trabalhos. Isto é algo que se tem mantido constante no teu percurso?

RG: Julgo que sim, embora por vezes essa aproximação ao corpo e à vivência do espaço possa parecer mais afastada ou ser abordada de maneira menos direta e mais abstrata.

IC: És extremamente metódico na forma como trabalhas, usando grelhas, redes e tramas (p. ex. Mecanorma), e recorrendo a composições geométricas, que no conjunto refletem o modo como reorganizas e dás a conhecer outras dimensões do espaço arquitetónico (e respetiva representação). Estes recursos gráficos dão estrutura ao teu pensamento e à tradução da complexidade dos teus estudos. É desta forma que o teu processo se expande e se consolida mesmo quando escolhes formas de apresentação tão diferentes como a escultura, o desenho, a *performance* e a fotografia. Todas elas convergem numa mesma direção?

RG: Há variadíssimas questões que me interessam e que podem caber (quase) todas sob esse aglomerado gigante de problemas que é a disciplina de Arquitetura. Julgo que nem sempre as abordagens aos diferentes desafios a que me vou autopropondo são convergentes, mas há, provavelmente, uma linha que pode ser entendida como “fio condutor” ou, talvez melhor, como uma preocupação paralela que vai acompanhando a minha prática ao longo dos tempos, ainda que às vezes ela até possa parecer ausente ou manifestar-se de modo mais subtil, quase invisível.

IC: A invocação da “pele” nos edifícios – as grelhas – remete-me para a respiração – os materiais respiram, não são inertes, assim como a nossa derme transpira. Há um paralelo, não só metafórico, entre nós e os espaços. Ocorre-me um filme *Un chant d’amour*, escrito e dirigido por Jean Genet em 1950, e um conto, *A perfeição do Amor*, de Robert Musil. Em ambos, as paredes são elementos presentes no jogo erótico em que algo ou alguém não se pode ou não se quer tocar/agarrar e prolonga-se o desejo na respiração, presente quer na troca do fumo de um cigarro na prisão de Genet, quer na ansiosa suspensão de si da personagem Claudine de Musil. Estão aqui presentes jogos de desejo, de sedução, de amor e de poder intermediados por materiais, como se isso fosse não só o que nos separa uns dos outros, mas também o que nos impele à aproximação. Sei que vais fazer uma janela com uma grelha na galeria, que é simultaneamente um filtro. Para não cair no risco de sobrepor as minhas impressões às tuas, gostava muito de saber de que erotismo se trata.

RG: A primeira vez que alguém invocou uma qualidade erótica no meu trabalho foi o Ricardo Nicolau, num texto que generosamente escreveu para a exposição *Resto*, que fiz para o Pavilhão Branco (Lisboa, 2011). O texto do Ricardo, intitulado “A Luva e a Manga”, chamava a atenção para as coisas não mostradas, mas deixadas por adivinhar, por imaginar. Para mim foi uma grande (e agradável) surpresa porque precisei desse olhar exterior para perceber qualidades naquilo que estava a mostrar, as quais, sem ele, não me eram nada óbvias – nem sei quanto tempo levaria ainda a descobrir essa qualidade em potência. Do mesmo modo, a formulação da tua pergunta também me permite olhar para essa peça da grelha de uma maneira que ainda não tinha feito. Não

sei se sei explicar ou dizer-te de que tipo de erotismo trata esta grelhagem. Há um jogo formal de transparência e opacidade que filtra e permeia esse espaço de entrada com a sala de exposições da galeria. Uma composição cheia de ritmo, cuja percepção varia consoante a direção e a posição do olhar de cada pessoa que entra ou sai daquele espaço. Podemos adivinhar o que está para lá dessa abertura, sem que o espaço posterior seja completamente visível ou compreensível. É talvez nessa indagação que se coloca a qualidade erótica desta peça. Não é um muro opaco nem completamente transparente, mas possibilita uma comunicação entre os dois lados, mais franca do que a palha que atravessa a parede entre celas e que permite aos dois amantes imaginados por Genet partilharem o fumo de um cigarro...

6

IC: Pelo que dizes, o erotismo pode ser percebido na arquitetura e em certas obras de arte, incluindo as que tu próprio produzes, pela capacidade dessas construções despertarem desejo ao, simultaneamente, revelarem e ocultarem significados. Daí a “janela” que vais construir me parecer ser uma proposta que direciona o público para uma experiência mais sensorial do que intelectual. Por outras palavras, essa peça parece ter sido pensada como um convite para ser experimentada em vez de ser interpretada ou explicada. E talvez até para ser tocada ou trespassada. A maneira como eu pessoalmente interajo com o teu trabalho é precisamente através dessa abordagem sensorial. No entanto, não sinto que tenhas uma intenção deliberada de nos afastar das tuas premissas (sobre as quais estás sempre disponível para conversar), mas há sempre algo que nos deixa em suspenso (em desejo) porque não é totalmente esclarecido...

RG: Por norma, interessa-me uma experiência do corpo como veículo para especulações intelectuais. O habitar qualquer tipo de espaço passa sempre pela própria experiência física, antes do olhar. Essa experiência pode ser tão mais rica quanto é acompanhada por percepções diferentes ao longo do espaço/tempo. Aquilo que podemos observar de frente para esta peça varia quando o nosso corpo se desloca um metro à esquerda ou à direita, quando a experimentamos de fora para dentro ou de dentro para fora, quando a olhamos de baixo para cima ou de cima para baixo. E depois há a própria qualidade tátil da matéria usada que,

neste caso, é a terracota, com algumas faces pintadas a duas cores e outras deixadas na cor natural da cerâmica usada. Acho que, com frequência, nos esquecemos que o corpo tem também uma *inteligência* pré-racional, pré-mental. Essas percepções sensoriais podem ser muito ricas e, a partir delas, podem surgir ideias construídas e/ou traduzidas pela linguagem, que dão forma ao nosso pensamento racional, mas essa "tradução" vem depois. Não quero com isto dizer que o sensorial é mais ou menos importante que o racional, mas interessa-me sublinhar esse aspeto que muitas vezes me parece um bocado ignorado ou, pelo menos, menosprezado.

Por tudo isto acho que estou, como dizes, disponível para conversar, mas não me interessam as "explicações" (nem enquanto artista, nem enquanto visitante de uma exposição). Se tudo pudesse ser explicado, o que é que restaria do mistério e da imaginação?

IC: Ainda sobre a "janela", por que é que escolheste que tivesse esta gama de cores e esta configuração específica? Esta pergunta surge da vontade de voltar o rumo da nossa conversa para a crítica não só institucional, mas, sobretudo, como uma atitude e forma de estar tua que são constantes.

RG: Já desde os tempos em que preparava a exposição *Resto* (2011) que vou compilando fotografias deste tipo de elementos, à medida que me vou deparando com eles (seja em Lisboa, Porto, Beirute, Istambul ou qualquer outra cidade). Nessa altura, para uma das salas do Pavilhão Branco imaginei uma grande peça que não chegou a ser feita, mas que foi projetada. Seria um muro, todo ele feito numa grelha com este tipo de desenho. O facto de simplesmente se *inclin*ar um dos lados de uma peça retangular proporciona um ritmo bastante dinâmico – quase em desequilíbrio. O jogo módulo/padrão transforma-se completamente com esta alteração muito simples, para além de nunca ter visto uma grelha deste tipo – provavelmente porque será menos estável que outras soluções e poderá acarretar riscos desnecessários caso fosse usada como elemento para fachadas de edifícios.

As cores foram uma escolha quase intuitiva, a partir da terracota escolhida para o efeito. De algum modo, poderiam estar presentes numa paleta de cores que alguns arquitetos modernos usavam muitas vezes a partir de uma *cartilha Corbusiana*. Para além disso,

RAMIRO GUERREIRO
16.09.2023 | 04.11.2023

e apesar de tudo isto dialogar com o *Estilo Internacional*, há também uma certa aproximação ao vernacular e ao território – seja essa aproximação ao sul de Portugal ou a toda uma extensão de sítios do Mediterrâneo, com a enorme riqueza de trocas culturais que este mar permitiu ao longo dos tempos.

IC: Consegues dizer-me qual é o teu “projeto” (de arquitetura?) perpétuo? Ou seja, ao qual retornas inúmeras vezes e que permanece aberto o suficiente para não se esgotar...

RG: Pergunta difícil... Talvez uma certa ideia de Humanismo e Universalismo possa ser recorrente nas minhas preocupações e por isso mesmo me interesse tanto o *Estilo Internacional* (já numa revisão racionalista, pós--funcionalista) – para além de certas características estéticas que sempre me atraíram. Esse referente estético é-me importante. Parece-me que é *de onde venho*, de algum modo, mas a atração pela disciplina não se esgota nesse momento, vem de muito antes e o passado serve-me para pensar e interrogar o nosso presente e o nosso futuro. Numa perspetiva antropocêntrica, a arquitetura deve ser feita por e para as pessoas, nunca esquecendo os vários ambientes de cada lugar e como é que eles podem ser transformados para *eleva*r esses mesmos ambientes (nas suas qualidades climática, social, urbanística, etc.). É um mar imenso e difícil de esgotar porque a cada momento deparamo-nos com novos problemas. Mesmo não sendo arquiteto, nem a minha prática se cingir exclusivamente à disciplina, acho que a arte também pode contribuir para estas questões que abarcam igualmente as experiências individuais em espaços coletivos. Entre *O Direito à Cidade* e *A Poética do Espaço* há muitas constelações sobre as quais me interessa continuar a trabalhar.

Isabel Carvalho